

Meditações: 19º domingo do Tempo Comum (Ano B)

Reflexão para meditar no 19º domingo do Tempo Comum (Ano B). Os temas propostos são: quando caminhamos no deserto; Jesus oferece-nos um alimento único; a Eucaristia, loucura de Amor.

- Quando caminhamos no deserto
 - Jesus oferece-nos um alimento único
 - A Eucaristia, loucura de Amor
-

O FIO condutor da liturgia deste domingo é a Eucaristia. A primeira leitura apresenta-nos o profeta Elias fugindo daqueles que o queriam matar. Depois de caminhar um dia inteiro pelo deserto ficou sem forças e, dirigindo-se a Deus, exclamou: “Agora basta, Senhor! Tira a minha vida, pois não sou melhor que meus pais”. Exausto, adormeceu à sombra de um junípero até que um anjo o despertou e lhe disse: “Levanta-te e come”. Elias viu junto à sua cabeça “um pão assado debaixo da cinza e um jarro de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Mas o anjo do Senhor veio pela segunda vez, tocou-o e disse: "Levanta-te e come! Ainda tens um caminho longo a percorrer". Elias levantou-se, comeu e bebeu, e, com a força desse alimento, andou quarenta dias e quarenta noites, até chegar ao Horeb, o monte de Deus” (1Rs 19, 4-8).

A experiência de Elias é semelhante à do povo de Israel quando saiu do Egito perseguido pelo faraó. O alimento que recebeu do anjo foi visto na tradição da Igreja como uma figura da Eucaristia. “Pela graça deste Sacramento, os fiéis gozam, já em vida, da maior paz e tranquilidade de consciência. Chegado que for o momento de deixarem o mundo, subirão para a eterna glória e bem-aventurança, fortalecidos pela sua virtude, à semelhança de Elias que, com o vigor de um pão cozido debaixo da cinza, caminhou até Horeb, a montanha de Deus”^[1].

Assim como Elias, passamos por momentos em nossa vida em que sentimos que não temos mais forças. Há momentos em que o desgaste físico é acompanhado de cansaço psíquico e *da alma*. Então, talvez não percebamos muito bem a direção em que estamos *caminhando no deserto*

e, como o profeta, podemos ser assaltados pelo desespero e pelo desejo de desistir. Deus não é indiferente a essa situação. Por isso “decidiu ficar no Sacrário para nos alimentar, para nos fortalecer, para nos divinizar, para dar eficácia ao nosso trabalho e ao nosso esforço”^[2]. Quando recebemos o Senhor na Comunhão, ou quando fazemos um tempo de oração diante d’Ele, podemos contar-lhe em confidência tudo o que nos faz sofrer: medos, dúvidas, cansaço, preocupações... Normalmente, Deus não vai resolver os nossos problemas de um dia para o outro, mas nos ajudará, como a Elias, a caminhar por esse deserto com força, confiança e serenidade.

NO EVANGELHO de hoje, Jesus apresenta-se como o Pão da Vida. “Os vossos pais comeram o maná no

deserto e, no entanto, morreram. Eis aqui o pão que desce do céu: quem dele comer, nunca morrerá. Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne dada para a vida do mundo” (Jo 6, 49-51). O maná que os israelitas comeram no deserto deu-lhes forças para chegar à terra prometida. Mas agora “Jesus fala de si mesmo como do verdadeiro pão que desceu do céu, capaz de manter em vida, não por um momento, ou durante um trecho do caminho, mas para sempre. Ele é o alimento que dá a vida eterna, porque é o Filho unigênito de Deus, que se encontra no seio do Pai, vindo para doar ao homem a vida em plenitude, para introduzir o homem na vida do próprio Deus”^[3].

Muitas realidades terrenas nos ajudam a recuperar as forças: um passeio com a família, uma boa

refeição, um pouco de esporte... Na realidade, muitas preocupações desaparecem, ou adquirem outra dimensão, quando sabemos descansar. Tudo isto é necessário e também faz parte do caminho para a santidade: também aí somos chamados a encontrar Deus. Mas, ao mesmo tempo, experimentamos os limites desses bens. Basear a própria vida apenas neste tipo de *pães* causa frustração, pois não respondem aos anseios mais autênticos do homem. Quem os comer, talvez fique saciado por um tempo, mas em breve exigirá mais. Jesus oferece-nos um alimento único. “*Não um pão entre muitos outros, mas o pão da vida.* Em síntese, sem Ele, mais do que viver, vai-se vivendo: pois só Ele nutre a nossa alma, só Ele nos perdoa daquele mal que sozinhos não conseguimos superar, só Ele nos faz sentir amados, até quando todos nos desiludem, só Ele nos dá a força de amar, só Ele nos dá a força de

perdoar nas dificuldades, só Ele infunde no coração a paz que procuramos, só Ele dá a vida para sempre, quando a vida aqui na terra acaba”^[4]. Cada vez que comermos esse pão, Deus vem até à nossa alma e alimenta-nos no nosso caminhar terreno em direção à meta do céu.

ALGUNS judeus, depois de ouvir o discurso do pão da vida de Jesus, puseram-se a murmurar entre si: “Não é este Jesus, o filho de José? Não conhecemos seu pai e sua mãe? Como então pode dizer que desceu do céu?” (Jo 6, 42). A primeira reação à promessa da Eucaristia é de escândalo. Provavelmente, muitos dos presentes sabiam bem quem era Jesus há anos. Por isso, não conseguiam entender que aquele que parecia tão familiar pudesse ser Deus. E muito menos que fosse

necessário comer a Sua carne para alcançar a vida eterna. Talvez tivessem em mente uma ideia de um Deus distante, alheio aos assuntos dos homens. Ou talvez não pudessem imaginar um Deus tão próximo, que se misturava com os homens daquela maneira. Em qualquer caso, Deus assumiu a natureza humana “para mim, para você, para todos nós, a fim de entrar na nossa vida. E interessa-lhe tudo da nossa vida. Podemos falar-lhe dos afetos, do trabalho, do dia a dia, das dores, das angústias, de muitas coisas. Podemos contar-lhe tudo, pois Jesus deseja ter esta intimidade conosco. O que não deseja? Ser relegado para um segundo plano – Ele que é o pão – ser negligenciado e posto de lado, ou ser chamado em causa somente quando precisamos dele”^[5].

São Josemaria gostava de considerar que Cristo, ao permanecer na Eucaristia, nos mostra o seu amor de

uma forma ao mesmo tempo humana e divina. Dava exemplo de duas pessoas que “desejariam ficar sempre juntas, mas o dever – ou seja o que for – obriga-as a afastar-se uma da outra. Não podem, portanto, continuar uma junto da outra, como seria do seu gosto. Nestas ocasiões, o amor humano, que por maior que seja, é sempre limitado, costuma recorrer aos símbolos. As pessoas que se despedem trocam lembranças entre si, talvez uma fotografia onde se escreve uma dedicatória tão calorosa, que até admira que não arda o papel. Mas não podem ir além disso, porque o poder das criaturas não vai tão longe como o seu querer. Ora o que não está na nossa mão, consegue-o o Senhor. Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, não deixa um símbolo, mas uma realidade. Fica Ele mesmo”^[6]. A Eucaristia é um mistério diante do qual só podemos ficar maravilhados. É a prova definitiva do amor de Deus

e do seu desejo de que cheguemos à vida eterna. E trata-se de um dom que se tornou possível graças a uma pessoa.

“Pois bem, de *quem* assumiu o Filho de Deus esta sua “carne”, a sua humanidade concreta e terrena? Assumiu-a da Virgem Maria. Deus assumiu dela o corpo humano para entrar na nossa condição mortal”^[7]. Podemos pedir-lhe a Ela que saibamos colocar a Eucaristia, “loucura de Amor”^[8], no centro da nossa vida.

^[1] *Catecismo Romano* 2, 4, 54.

^[2] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 151.

^[3] Bento XVI, Ângelus, 12/08/2012.

^[4] Francisco, Ângelus, 08/08/2021.

^[5] *Ibid.*

^[6] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 83.

^[7] Bento XVI, Ângelus, 16/08/2009.

^[8] São Josemaria, *Caminho*, n. 432.

pdf | Documento gerado
automaticamente de [https://
opusdei.org/pt-br/meditation/
meditacoes-19o-domingo-do-tempo-
comum-ano-b/](https://opusdei.org/pt-br/meditation/meditacoes-19o-domingo-do-tempo-comum-ano-b/) (20/01/2026)